

Museu Nacional de Machado de Castro

Extractos da Memória do Concurso



Gonçalo Byrne*

1 *É tão desesperante quanto fascinante ver desfilar mais de dois mil anos de história concentrados num conjunto urbano-arquitetónico onde se é chamado a intervir projectualmente - em apenas dois ou três meses (o tempo do concurso).*

O mergulho no tempo (o que é a arquitectura senão a impressão do tempo no artifício edificado) é obsessivo na ânsia de encontrar o filão das sucessivas transformações e as fundamentações que as levaram a fabricar. O processo nem sempre foi contínuo e linear e se as roturas parecem mais impermeáveis as lacunas históricas são por vezes desesperantes. O arquitecto precisa em absoluto da história porque pisa territórios pré-existentes mas sobretudo porque o projecto que orienta a transformação vive do tempo e no tempo.

A verificação directa do tempo coisificado nos sucessivos estratos aproxima o arqueólogo do arquitecto ao ponto de quase se confundirem. O domínio do concreto, das coisas, aproxima-os. Não são as coisas por nós hoje edificadas uma camada mais nas sucessivas contemporaneidades precedentes? Que valores, que sensibilidades, que usos aí se vão imprimir? Como se sobrepõe e se cruza o novo estrato com os antecedentes. O campo arquitectónico busca a sua própria autonomia neste espaço concreto e neste tempo singular.

No espaço de dois milénios a história do sítio acumula de facto o cruzamento de muitas histórias e o sítio arqueológico mostra-nos não um mas vários edifícios que se continuavam, ou sobrepuseram ou se cruzaram, destruindo-se ou fragmentando-se, gerando residualidades

hesitações, firmezas, abusos, grosserias, ou revelações fantásticas, fascinantes, belíssimas. Sentimo-nos a pisar um terreno frágil, por vezes precário, onde a afirmação do novo projecto está continuamente necessitada de aprofundar o seu fundamento na busca duma estratégia unitária muito atenta e exigente na procura obsessiva duma possível atemporalidade que está do lado oposto das rateiras das modas e do "glamour" momentâneo das suas imagens.

Após o caminho que fizemos pelas leituras históricas convocadas, pelos relatos e relatórios arqueológicos, pelas arquitecturas que percorremos do despertar ao entardecer, se algo surge como comovedoramente belo nesta Alta Coimbra, é a extraordinária simbiose entre as formas construídas e a geografia da colina, em que a tectónica adquire o valor topográfico, numa globalidade de sistema cristalino de vazios e emergências em que a imanência do criptopórtico romano de *Aeminium* é decisivamente germinal.

2 *Fazendo a desconstrução retrospectiva do sítio do projecto tudo converge no criptopórtico suporte do Forum.*

Esta fabulosa construção destinada a domesticar o declive transformando-o em chão plano está no entanto construída sobre um assentamento urbano pré-romano directamente ajustado à pendente.

A revelação arqueológica deste aglomerado na fundação da abside, constitui o momento zero da cronologia museográfica.

Numa breve caracterização das sucessivas lógicas formais e construtivas gos-

taríamos de destacar o período romano, a sucessiva implantação românica de S. João de Almedina, o reforço do carácter residencial do paço renascentista, a rotação "híbrida" da nova igreja barroca e finalmente a descaracterização casuística dos sucessivos "enxertos", restauros e consolidações iniciados com o alvor do nosso século até à actualidade.

O rigor e a coerência tectónica romana levam-nos a aceitar a correspondência longitudinal norte-sul das estruturas de fundação do criptopórtico com a axialidade da abside e praça do Forum na mesma direcção. O enquadramento panorâmico do vale e Rio Mondego é transversal e orientado a poente.

A criação no período condal da diocese de Coimbra (sec. XI) está na origem de S. João de Almedina cuja orientação cristã provoca a rotação de noventa graus da axialidade longitudinal do Forum pré-existente. Supomos que a tipologia "residencial" da própria colegiada, em extensão para poente do claustro lateral, vem reforçar esta nova orientação, oposta à anterior.

Esta hipótese de rotura poderá ser claramente atenuada se se confirmar a existência dum templo romano orientado segundo o eixo transversal que no período da cristianização daria origem à fundação da Igreja.

O reforço do carácter doméstico e palaciano do Paço episcopal leva à consolidação da tipologia de pátio em "U" com abertura visual ao Mondego a poente. A bela e transparente galeria renascentista atribuída a Terzi consolida a inversão do eixo do Forum fixando uma situação nova, que em nossa opinião debilita a solidez topográfica e urbana do crip-

topórtico pelo facto de se implantar entre três a quatro metros recuada em relação ao original alinhamento poente do mesmo.

Por atitude deliberada, ou motivada por degradação do troço central desse alinhamento eventualmente acelerado pelo "canibalismo" das construções adossadas na cota baixa da Rua das Covas, o facto é que esta situação veio tripartir o embasamento poente do criptopórtico consolidando os topos emergentes do Paço que claramente se salientam da galeria de Terzi sobre a encosta. Os três arcos adossados que suportam a pequena galeria panorâmica, do topo sul construídos pelos Monumentos Nacionais em deslocado mimetismo dos Estudos Gerais, reforçam ainda mais essa singularidade pervertendo, também na vertical, a distinção original entre criptopórtico e plano de terra do Forum.

A igreja paroquial barroca de S. João de Almedina ao rodar de novo a axialidade da primitiva gera à sua volta uma série de espaços incaracterísticos e residuais afectando a estrutura original da primitiva igreja de três naves e do respectivo claustro cuja residualidade é bastante implementada pela intromissão posterior da Capela do Tesoureiro, já no período de vigência do Museu, iniciado após a implantação da República.

Na sequência fotográfica de maquetas interpretativas que apresentámos demarcámos 2 territórios originais domi-

nantes, o primeiro correspondente ao Romano (plataforma do Forum sobre o criptopórtico) e o segundo ao Românico (plataforma contígua, já sobre a terra). A evocação destas duas plataformas vai ajudar-nos a estruturar a proposta do piso térreo do novo Museu.

Na simulação da implantação da Igreja Românica usámos a planta de S. Salvador de Travanca de origem contemporânea e de tipologia idêntica, embora S. João de Almedina aparentasse ser de 3 tramos e não de 5 (segundo V. Correia e Nogueira Gonçalves).



A Capela do Tesoureiro

Este nosso século, marcado pela utilização museológica dum espaço de fortes características domésticas ou residenciais assiste a uma crise de intervenções avulsas com fortes implicações no edifício, que reflectem os critérios de restauro da ideologia dominante. O facto é no entanto que os critérios museográficos se confundiam por vezes

com fortes interferências nas estruturas edificadas gerando situações de descontrolo de escala e de definição ambiental que oscilam entre o adossamento doméstico de fragmentos arquitectónicos avulsos até à clara "frankensteinização" de conjuntos que embora valiosos e em perigo se implantam em clara rotura de escala e de contexto agravando a já existente residualidade global.

Esta condição híbrida, a meio caminho entre uma espacialidade doméstica herdada do paço episcopal e a fragmentária e pontual promoção a encenações

de monumentalidade, instauram uma promiscuidade em que o edifício se confunde com a obra exposta em clara ausência de contexto. Sem dramatizar, aceitamos que essa condição já faça parte do historial recente do museu, sobre a qual pensamos adoptar uma posição de "aceitação crítica", corrigindo quando possível e oportuno, recontextualizando quando recomendável, ou simplesmente autonomizando quando aconselhável, mas para todos os efeitos integrando numa nova estratégia global os vários edifícios e colecções dentro dum espaço museológico que busca uma nova condição unitária. Se é verdade que a evolução do sítio se inicia com o carácter eminentemente público do Forum para passar à condição religiosa e doméstica do Paço Episcopal, a valorização do actual e futuro uso cultural e museológico deve repor o reforço da sua condição pública, cívica e pedagógica procurando uma escala e ambiente arquitectónico ajustados a esse objectivo.

3 Tentando interpretar o programa perguntamo-nos a que coisa aspira o novo Museu Nacional de Machado de Castro para além do que deve abrigar mostrar, promover, etc.

Como é sabido os museus e os conceitos museológicos têm-se transformado profundamente nos últimos anos e seguem em transformação. Com toda a carga negativa que resulta da excessiva mediatização e transformação da cultura numa industria de consumo, a verdade é que concomitantemente a abertura ao maior número, à maior participação e interactividade, em resumo a maior vivência cultural é também um

factor positivo a implementar. Esta nova actividade tem repercussões desde logo numa maior abertura à cidade. Neste aspecto o novo museu aproxima-se do antigo Forum, ou seja deve recuperar a dimensão de espaço público apelativo reforçando as valências de permanência e uso quase quotidiano, sem descuidar as limitações e condicionamentos necessários às zonas museológicas. Seria interessante fazer convergir no pátio central, na loja e na cafetaria (áreas de livre circulação), acessos que se interliguem com a cidade eventualmente em mais de um lado e distintas cotas do quarteirão. É fundamental redesenhar as entradas e os espaços urbanos de transição na perspectiva da qualidade de acolhimento. A localização do museu no contexto da futura remodelação urbana da Alta ocupa um dos polos dum triângulo de grande atracção turística em que os outros dois são o complexo histórico monumental dos Estudos Gerais e o futuro núcleo museológico universitário em torno do Colégio de Jesus. Esta posição sai reforçada com a localização na transição para a Sé Velha, Almedina e cidade baixa (circuito turístico pedonal). É facilmente previsível numa perspectiva futura um aumento razoável de fluxo de visitantes, incluindo a população universitária que não será indiferente ao reforço dos equipamentos de acolhimento e actividades paralelas diversificadas para além dos núcleos de exposição permanente.

4 Nesta perspectiva, dum museu mais aberto a áreas de influência que vão da cidade, à universidade à região, ao país e

ao estrangeiro, que "novo" papel devem assumir o(s) edifício(s) que o albergam?

A nossa proposta passa claramente por pôr em funcionamento um novo edifício unitário, reconhecível como tal apesar da sua fragmentação histórica, ou exactamente potenciando esse facto. Não nos parece sustentável no novo museu que os fragmentos dominem a globalidade com risco de perda da própria identidade.

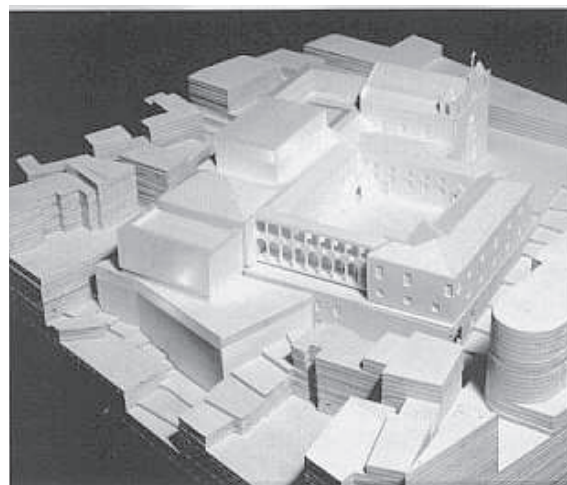
Pensamos ser decisivo o novo edifício ser capaz de gerar a sua própria identidade inseparável da sua entidade como museu.

Para tal é fundamental potenciar três aspectos decisivos.

1º. Tornar claro ao visitante que o valor unitário do edifício reside precisamente em torno da sua evolução histórica convergente no uso actual. Neste sentido a diversidade e diferentes especificidades do seu longo percurso ajudam a solidificar o seu valor unitário como Museu.

2º. Um segundo aspecto complementar do anterior tem a ver com criar uma nova escala de referência para o edifício, para o que contribui a cobertura alta do pátio da Capela do Tesoureiro e a criação da plataforma avançada da nova galeria e respectivo volume cúbico sobre ela.

3º. Finalmente o reajuste ambiental entre as arquitecturas e conteúdos expositivos deve convergir no reforço da identidade museológica.



5 O novo edifício é constituído por um embasamento de pedra calcária sobre o qual se apoia um cubo de vidro (com protecção solar exterior) que contem a cafetaria e, no piso superior, parte da galeria de exposições temporárias.

Visto do rio e da cidade baixa apercebemo-nos dum novo embasamento em que poisa um volume étéreo de dimensões parecida com outros edifícios circundantes. A fusão perseguida entre a leveza do vidro e a massa pétreia reflecte a nossa convicção de que o verdadeiro moderno se fundamenta em base arcaica. Como afirmávamos no início, o peso fundador e germinal do criptopórtico contamina o contemporâneo, ou o contemporâneo por ele se deixa contaminar nessa comvente beleza da Alta em que os edifícios adquirem valor topográfico como um sistema estratificado de cristais opacos e cintilantes. Pedra & Cal

* Arquitecto
Professor da Universidade de Coimbra.